

MUSEU DE BRASÍLIA EXPÕE ACERVO

DF
Márcia Vitória
Da equipe do Correio

Para comemorar o término da primeira fase de suas obras de reforma, o Museu de Arte de Brasília, expõe novamente o seu acervo. São mais de 50 quadros e 16 esculturas dos anos 50 aos 90.

Há telas de pintores famosos como a mineira Fátima Neves, os paulistas Arcângelo Ianelli e Samson Flexor, a japonesa Tomie Ohtake, e os brasilienses Glênio Lima, Wagner Barja, Athos Bulcão e Ralph Gehre.

Logo na entrada estão as esculturas premiadas em 1991 pelo museu. A sequência de formas em alumínio que lembra pedras de Carmela Gross, a caixa de madeira com cobre, ferro e imã de Antônio Mourão e a imagem construída com carpete e alumínio de Artur Piza, são o início de um agradável passeio pela arte contemporânea.

Alguns degraus acima, no piso superior, estão os quadros que vão do abstrato ao geométrico onde uma mistura de cores, texturas e materiais trabalhados em diferentes perspectivas emocionam pela harmonia das formas e equilíbrio de cores.

É o caso do abstrato *Jardim das Oliveiras II*, de Marco Gianotti.

Usando óleo, papelão, papel e alumínio cobertos por muito verde, azul e vermelho a tela causa impacto pelo tamanho e pela suavidade das linhas.

Um pouco mais adiante, marcando a passagem do abstrato para o figurativo está a obra sem título de José Roberto Aguilar, onde o verde e vermelho se misturam compondo traços que lembram duas pessoas entrelaçadas.

Mas, nesse caminho entre o abstrato e o figurativo, a superfície amarela e luminosa de Mariannita Luzzati traz dois vultos negros que surgem como sombras.

Daí por diante a figura toma conta do espaço. Do alecrim estilizado de Leonardo Alencar, todo feito em madeira entalhada e pintada, passando pelo *Triunfo da Morte* de Gladston Menezes, até chegar no tríptico *Exposição e Motivos de Violência* de João Câmara, a forma ganha importância e aparece desenhada com cores alegres, fortes e muitas vezes cítricas.

Logo em seguida, entram em cena os marrons geométricos de Tomie Ohtake, os verdes de Samson Flexor, e os tons alegres de Athos Bulcão.

Finalmente, os trabalhos de Glênio Lima, Fátima Neves e Wagner Barja, que não podem ser classificados nem

Eraldo Peres



Os tons alegres do artista plástico Athos Bulcão integram a exposição montada no Museu de Arte de Brasília

como figurativos, nem como geométricos.

Dessa vez, terra, serragem, grafite, carvão, minério de ferro e resina trocam de lugar com as tintas para compor superfícies brilhantes, mineralizadas e escuras.

“Esta é a segunda exposição que

estamos organizando desde que começou a reforma do MAB, em março. Tudo foi feito com o acervo da casa que corresponde a um total de mil obras entre gravuras, desenhos, tapeçaria, esculturas e quadros”, conta Manoel Martins Pereira, curador do museu há três anos.

S E R V I C O

EXPOSIÇÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Museu de Arte de Brasília. De terça a domingo, das 13h às 19h. SHTN Lote 2 A. Entre a Concha Acústica e o Palácio da Alvorada.